

O PARAÍSO SÃO OS OUTROS

Valter Hugo Mãe

Reparei desde pequena que os adultos vivem muito em casais, mesmo que nem sempre sejam óbvios porque algumas pessoas têm par mas andam avulsas como as solteiras, há casais de mulher com homem, há de homem com homem e outros de mulher com mulher. Há também casais de pássaros, coelhos, elefantes, besouros, pinguins – que são absurdamente fiéis –, quero dizer: há casais de pinguins e até golfinhos que podem ser casais. Tudo por causa de amor. O amor constrói.

Gostarmos de alguém, mesmo quando estamos parados durante o tempo de dormir, é como fazer prédios ou cozinhar para mesas de mil lugares. Mas amar é um trabalho bom. A minha mãe diz. Vivo num lugar quente, aqui tem muitos mosquitos e encontramos borboletas nas flores. No verão, abrimos as janelas cobertas com redes. Ficamos a ver tudo coado por esta brancura.

Também há gatos soltos e outros dentro das casas. Os gatos soltos são os nossos. Nós não temos outros. Eles entram no quintal e levam os restos. Andam em beiras estreitas. Todos os gumes são estradas para eles. Sabem não cair e, quando caem, sabem cair. Alguns casais de bicho também são de pinguim homem com pinguim homem ou golfinho mulher com golfinho mulher. Mas eu nunca vi e não tenho provas. Nunca sequer vi um pinguim ou um golfinho e fico triste por isso.

Os gatos são casais misturados. Eu acho. Não são fiéis. Os cachorros também não. São fiéis aos donos mas, entre si, não namoram com muito cuidado. A minha mãe explicou que o amor também é namorar com cuidado.

Eu adoraria ver jacarés, ursos brancos ou cobras de dez metros. Uma vizinha da nossa rua tem uma vaidosa galinha d'Angola. Eu gosto de animais e mais ainda dos esquisitos e invulgares, até dos que parecem feios por serem indispostos. Os bichos só são feios se não entendermos seus padrões de beleza. Um pouco como as pessoas. Ser feio é complexo e pode ser apenas um problema de quem observa.

Eu uso óculos desde os cinco anos de idade. Estou sempre por detrás de uma janela de vidro. Não faz mal, é porque eu inteira sou a minha casa. Sou como o caracol, mas muito mais alta e veloz. A minha mãe também acha assim, que o corpo é casa. Habitamos com maior ou menor juízo.

O jacaré é um bicho indisposto, eu sei. Gosto muito dele, mas não devo chegar perto. Nunca vi, já disse. Tenho pena. Talvez seja pior para o jacaré, por não o amar. Eu gosto dele mas não sei se constrói. Estou a ser sincera. Ainda tenho que ler sobre isso. Talvez os bichos ferozes construam coisas às quais não sabemos dar valor. É importante pensarmos no valor que cada coisa ou lugar tem para cada bicho. Só assim vamos compreender a razão de cada coisa ser como é. Depois de entendermos melhor, a beleza comparece.

Os casais são criados por causa do amor. Eu estou sempre à espera de entender melhor o que é. Sei que é algo como gostar tanto que dá vontade de grudar. Ficar agarrado, não fazer nada longe. Os casais são isso: gente muito perto. Quero dizer: acompanhando, porque mesmo em viagem não deixam de acompanhar, pensam o dia inteiro um no outro. Às vezes falamos com alguém que pertence a um casal e essa pessoa nem ouve porque está a pensar em quem ama. Chega a ser bizarro. Quase mal-educado.

Os casais, de todo modo, não são fechados, têm amigos e outra família, alguns têm filhos. Filhos que eles próprios geraram ou que adotaram para criar. Os filhos, conseguidos de uma forma ou de outra, são invariavelmente valiosos. Mães e pais, juntos ou separados, são sempre mães e pais, e não perdem o amor. Apenas as doenças fazem mães e pais perder o amor. Cientistas de todo o mundo procuram urgentemente uma cura. Mas não parece nada fácil. Creio que só uma esperança qualquer pode curar. A esperança parece inventada pela espera. Eu não sei esperar. Todos os dias me assusto por não ter esperança. Quero muito ter. A minha mãe manda fazer um esforço. Ela diz: acredita sempre. Eu acredito, só não estou certa de saber ficar à espera. Quando for maior vou seguramente melhorar neste desafio.

Os casais têm muitos processos para se consumarem. Alguns vestem-se de cores bonitas ou de branco muito limpo, assinam papéis, convidam gente para ver. Outros comem para engordar e também convidam gente para engordar com eles. Quem casa, normalmente, engorda de qualquer jeito. Há casais que se conhecem num transporte público, numa praça ou no trabalho e ficam. Ficam casais, quero dizer. Dão abraços, trocam número de telefone, assistem a filmes a preto e branco, comem doces, reluzem. Embora existam os que fazem festas, há uma infinidade de casais que não as têm, e outros que nem dizem nada a ninguém. Vão viver juntos ou não. São casais mas só eles sabem. Gostam um do outro, mas só eles sabem. Muitos amores são discretos. Deve ser como construir um prédio em algures onde ninguém nunca foi para poder construir em segredo.

Uma vizinha nossa desapareceu. Soubemos que estava apaixonada num país longínquo. A minha mãe diz que ela agora vive de pernas para o ar porque foi para o lado de baixo do globo terrestre. Eu imagino que a saia dela levante e seja difícil de caminhar.

A coisa mais divertida de perceber: os casais não eram família antes. Eles eram gente desconhecida que se torna família. Mesmo que os filhos julguem que pai e mãe se conhecem desde sempre, isso não precisa de ser verdade. Os adultos apaixonam-se ao acaso, ainda que façam um esforço para escolher muito ou com muita inteligência. Já aprendi. O amor é um sentimento que não obedece nem se garante. Precisa de sorte e, depois, empenho. Precisa de respeito. Respeito é saber deixar que todos tenham vez. Ninguém pode ser esquecido.

Por vezes, faço uma lista de nomes das pessoas importantes para mim para lembrar delas. Mesmo que não lhes fale, penso em como estarão se bem ou mal, quando me parece que podem estar mal

telefone a perguntar. Quase sempre estou errada. Mas gosto de ter a certeza do erro. A minha mãe diz que só crescemos quando reconhecemos os nossos erros, enquanto não o fizermos seremos menores. Crescer é diferente de aumentar de tamanho ou ganhar idade. A minha mãe diz que grande são os que se corrigem. Eu fui bem avisada: a pessoa que eu poderei um dia amar haverá de estar em algum lugar entretida com a sua vida, como eu. Não conheço ainda essa pessoa, já me disseram que seria o Miguel, ele é maravilhoso. Não confio muito, de todo modo.

Há tanta gente maravilhosa. Eu ando a ver se escuto os meus avós e as minhas primas estrangeiras que falam engraçado. Tenho tudo para ouvir e ver. Ainda não sei nada. Leio livros para aprender. Estou sempre apressada. Sou muito mexida. Um dia quero uma coisa, no outro quero tudo. Sofro de um problema de sossego, não sei estar sossegada. Mais tarde corrijo. Um dia, eu e essa pessoa desconhecida vamo-nos encontrar por algum motivo e uma intuição talvez nos diga que chegamos à vida um do outro. Eu não acredito sempre nisso. Mas não posso deixar de estar atenta. Sou mesmo assim, fico atenta a toda gente. Gosto de olhar discretamente. Confesso. Imagino a vida dos outros. Não é por cobiça. É por vontade que dê certo. Por exemplo, vejo alguém sem cabelo e invento que há gente que só gosta de homens carecas e então ser careca passa a ser uma vantagem, ou, pelo menos, desvantagem nenhuma.

Acho que invento a felicidade para compor as coisas e não para haver preocupações desnecessárias. E inventar algo bom é melhor do que aceitarmos como definitiva uma realidade qualquer. A felicidade também é estarmos preocupados só com aquilo que é importante. O importante é desenvolvermos coisas boas, das de pensar, sentir ou fazer. As pessoas são tão diferentes. Aprecio muito que o sejam. Fico a pensar se me acharão diferente. Adoraria que o achassem. Ser tudo igual é característica do azulejo na parede e, mesmo assim, há quem misture.

Eu sou a favor de uma meia de cada cor. Adoro cores. A minha mãe diz: organiza, julga que eu baralho demasiado. Às vezes, fico horas a arrumar o quarto. Cansa, mas gosto do resultado no final. Queria muito acreditar em fadas que mantivessem os trabalhos chatos sempre feitos. Mas isso não acontece. Para ser menos chato, eu canto no trabalho. Chego a ficar rouca das horas e da falta de afinação. Sou, enquanto cantora, prima das catatuas. Não me importo. Ainda assim eu canto. Adoro cantar.

Descubro cada vez mais que o paraíso são os outros. Vi num livro para adultos. Li só isso: o paraíso são os outros. A nossa felicidade depende de alguém. Eu compreendo bem. Mães, pais, filhos, outra família e amigos, todas as pessoas são a felicidade de alguém, porque a solidão é uma perda de sentido que faz pouca coisa valer a pena. Na solidão, vale só a pena pensar tentar encontrar alguém. O resto é a tristeza. A tristeza a gente respeita e deita fora. A tristeza a gente respeita e, na primeira oportunidade, deita fora. É como algo descartável. Precisamos usar mas não é bom ficar guardada. Os casais formam-se para serem o paraíso. Ao menos assim devia ser. Há casais que vivem no

inferno mas isso está errado. Pertencer a um casal tem de ser uma coisa boa. Eu, quando for adulta e encontrar quem vou amar, quero ser feliz. Não vou sequer ter paciência para quem mo impedir. Precisamos de fugir de toda maldade antes que deixemos de saber fugir. A maldade deve ser eliminada logo na primeira situação. A minha tia viveu com o meu antigo tio até ao dia em que ele bateu nela. Depois, fez a mala e foi procurar apaixonar-se outra vez. Quem bate é burro e estúpido. A polícia deve prender. Ela casou novamente. O meu novo tio é brincalhão, conta anedotas e todos gostamos mais dele. A minha tia até ficou mais bonita. Não sei o que lhe deu.

O amor precisa de ser uma solução, não um problema. Toda a gente me diz: o amor é um problema. Tudo bem. Posso dizer de outro modo: o amor é um problema mas a pessoa amada precisa de ser uma solução. As pessoas que amam estão sempre com ar de urgência porque têm saudades quando não estão acompanhadas e sentem uma euforia bonita quando estão juntas.

Eu acho que as pessoas apaixonadas sentem saudade mesmo quando estão juntas porque ficam sempre a olhar umas para as outras pasmadas como se fosse a primeira vez. Até como se fosse a primeira vez que vissem sapos, neve, cataratas, aqueles peixes voadores, jacarés, prédios com mais de trinta andares ou o Miguel a enrolar os olhos.

As pessoas mais velhas, quando são um casal, dão beijos pequenos. As pessoas mais novas costumam dar beijos mais longos, cheios de paciência. Eu não tenho muita paciência. Devo ter a alma mais velha. Não sei. Também não acredito muito que beijar seja como construir prédios, embora alguns beijos pareçam cansar. Há casais que ficam mesmo sem ar, como quem andou a carregar tijolos.

Não estou certa de que quero que me falte o ar ou de que quero carregar tijolos. Tenho muitas dúvidas. Quando me apaixonar, dizem-me fico logo esclarecida. Aguardarei, desconfiada. Não aceito as coisas à pressa, preciso de pensar.